

N.º 116 — Lisboa, 22 de abril

5º
ANO
95

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mês depois de publicado 80 réis

Redação e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adeantado)

Lisboa e províncias, anno 52 num. 2000 rs.	Brasil, anno 52 numeros.....	5000 rs.
Semestre, 26 numeros.....	1000 "	Africa e India Portuguesa, anno: 2000 "
Cobrança pelo correio.....	300 "	Estrangeiro, anno 52 numeros... 3000 "

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Annuario Commercial

5, Calçada da Glória, 5

IMPRESSÃO

Lithographia Artística
Rua do Almada, 32 e 34

Ordem do dia

D. B.

Soldado com todas as paixões paisanas.

Soldado — cidadão.

Soldado — pamphletario.

Soldado — tribuno.

Dissidente.

Está entre o statu quo e a Reforma, com um pé no quartel e outro na praça publica.

Faz ouvir na politica portuguesa, entre os passinhos de lá dos partidos conservadores, um tinir de esporas revolucionario e frondeur.

Força.

Latagão, vozeirão.

Galhardia conquistadora.

Faz d'olho aos factos e faz d'olho as mulheres.



AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinaria e de uma pureza indiscutivel, engarrafada debaixo de todos os preceitos indicados pela Scien- cia.

As garrafas e as ro- lhas usadas no en- garrafamento da Agua de Meza

Sameiro

Sao sempre esterilisadas

E ja conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes es- trangeiros e nas colonias portu- guezas.

Está á venda: em todos os estabelecimen- tos importantes de Portugal

Preços de venda a retalho

Cada garrafa de $1\frac{1}{2}$ litro.....	80 rs.
" " " $\frac{1}{4}$ litro.....	50 rs.

Deposito geral no Porto:

C. Coverley & C.^a
Reboleira, 55, 1.^o

Endereço telegraphico—COVERLEY
Telephone n.^o 19

Em Lisboa:

Manoel José da Silva
RUA D'EL-REI, 31, 2.^o
Telephone n.^o 512

Endereço telegraphico — MISSILVA

FABRICA DE CARTAS DE JOGAR de Germano & C.^a

Rua Vasco da Gama, 60, 1.^o — Lisboa

Cartas numeradas para os jogos de Whiste, Vol- tarete e Sólo. Especialidade em cartas para o jogo do monte.

Descontos aos revendedores

OURIVESARIA E RELOJOARIA

com officina annexa

de fabrico

e concertos

FLORINDO

Jóias
com brilhantes

Preços limitadíssimos

99, Rua Aurea, 99



Pago a V. Ex. a fineza de não
comprar chapéus sem primei-
ro visitar este estabelecimento

Anuario Commercial de Portugal ILHAS E ULTRAMAR

PROPRIETARIO-EDITOR: MANOEL JOSÉ DA SILVA — DIRECTOR: CALDEIRA PIRES

DA INDUSTRIA, DA MAGISTRATURA E DA ADMINISTRAÇÃO CONTENDO: 1 milhão de endereços e informações em todos os ramos e em todas as freguesias do reino

2:360 páginas de texto — 25.^o anno

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO 2\$500 RÉIS

BRINDE: Uma nitida planta de Lisboa medindo 0,34 x 0,36

ESCRIPTORIO
PRAÇA DOS RESTAURADORES
(PALACIO FOZ)

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

N.º 116 — LISBOA, 21 DE ABRIL

5.
ANO
45

Publica-se ás sextas-feiras

Toda a correspondência deve ser
dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 REIS

Um mês depois de publicado 40 réis

Endereço e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assinaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e províncias, anno 25 num. 20000 rs. | Brasil, anno 25 numeros..... 50000 rs.
Semestre, 20 números..... 12000 rs. | África e Índia, Portugal, anno 25000 rs.
Cobrança pelo correio..... 3000 rs. | Espanha, anno, 52 numeros..... 38600 rs.

NOTA: — As assinaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data;
tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho.

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

32, Rua do Norte, 32

IMPRESSÃO

Lythographia Artística

Rua de Almada, 32 e 34

PACHECO



Um grande X que é um grande Zero

Todavia, meu caro sr. Mollinet, este talento que duas gerações tão soberbamente aclamaram, nunca deu, da sua força, uma manifestação positiva, expressa, visível! O talento imenso de Pacheco ficou sem pre calado, recolhido, nas profundidades de Pacheco!

FRADIQUE.

Pacheco



Falla-se em que retira do poder o sr. Pereira de Miranda, a quem os jornaes e, por intermedio dos jornaes, — o publico, condecoram já com o appellido de *Pacheco*, appellido que Eça de Queiroz tornou litterariamente famoso, como tornou o de tantos outros personagens da sua imaginação, atribuindo-o a um homem publico que fez na nossa política admirável carreira, tão somente por ter «um immenso talento», mas não tendo verdadeiramente mais nada.

O Pacheco de Queiroz teve o seu advento em Coimbra, como estudante, onde se formou e d'onde irradiou para o paiz toda a fama do seu «immenso talento», do qual no entanto nem Coimbra, nem o paiz verdadeiramente deram fé. Certos homens, como certos factos, são porém, acompanhados na vida por superstições, ora funestas, ora beneficas. A reputação de Pacheco era uma d'estas e do berço ao tumulo, esplendidamente o serviu. E' o que se chama — ter uma estrella. Pacheco tinha a.

O que devia suceder sucedeu.

A politica anda sempre á cata de grandes talentos. Pacheco tinha um talento «immenso». Immediatamente a politica lhe deitou a mão.

Queiroz dá-nos na sua carta ao sr. Mortillet, o resumo da carreira de Pacheco. Essa carreira foi maravilhosa.

Servido pela sua esplendida reputação, mas tão somente por ella, Pacheco galgou e foi tudo — deputado, ministro, conselheiro d'Estado, director de Bancos e Companhias, força social, árbitro, sem outro dispêndio de energia intellectual que não fosse aquela que os seus concidadãos supersticiosamente lhe atribuivam. Do seu «immenso talento», nunca deu prova. O seu «immenso talento» permaneceu inedito. No entanto, a sua morte foi copiosamente pranteada e a nação em peso deplorou a perda do seu «talento immenso».

Verdadeiramente, Eça de Queiroz não quis fazer uma caricatura, mas uma synthese. Quando se publicou a *Correspondencia de Fradique Mendes*, em que Pacheco era biographado, procurou-se em toda a política portugueza alguém que pudesse ser — Pacheco. Pois-se o dedo em certos homens publicos. Citaram-se mesmo nomes. Em vão! Pacheco não tinha a physionomia especial de qualquer desses homens e tinha traços comuns a todos. Às vezes, Pacheco aparecia na physionomia de um chefe de partido, mas logo aparecia na de um outro. Estava em toda a parte e de toda a parte se escapava. Pacheco era *insatisſable*.

O que é proprio das creações do genio litterario é a intangibilidade. Pacheco era intangivel. Existia, moavia-se, falava, actuava, fazia carreira, estava no parlamento, estava no poder, estava no conselho d'Estado, estava nos Bancos e nas Companhias, mas não tinha uma imagem concreta que o tornasse reconhecível. Pacheco era uma abstracção.

Porque razão se determinou que o sr. Pereira de Miranda deveria ser — Pacheco?

Porque não o sr. Hintze Ribeiro que, como Pacheco, affirma os progressos da sua carreira publica pelos progressos da sua esplendida carreira?

Porque não o sr. José Luciano de Castro, que, como Pacheco, atingiu já todos os cimos sociaes e é, como Pacheco o foi — do conselho d'Estado?

A identidade que se supõe existir entre Pacheco e o sr. Pereira de Miranda apenas consiste em que o sr. Pereira de Miranda, como Pacheco, se fez acompanhar, até ao seu advento ao poder, da fama supersticiosa de um immenso talento.

Com efeito, tão somente pelo facto de nunca ter sido nem mostrado ser n'este paiz coisa alguma, o sr. Pereira de Miranda tomou as proporções desconformes de um homem — que é tudo.

O segredo do immenso talento do sr. Pereira de Miranda consistiu em se recusar systematicamente a polo ao serviço da causa publica.

Conhece-se o prestigio de certos actos humanos. Aceitar o poder, dá uma gloria jocunda, mas recusar o dá uma gloria maior. Durante longos annos, o sr. Pereira de Miranda recusou cortezmente, mas duramente o poder. As suas primeiras recusas ficaram sem echo no impressionavel espirito do publico. Algumas vezes é licito recusar — mesmo o poder. Mas a novas sollicitações sucederam novas recusas e então o paiz começou a considerar com surpresa e admiração esse homem que desdenhava por systhema o que tantos outros systhematicamente ambicionam. O sr. Pereira de Miranda fez assim, como Pacheco, a lenda do seu immenso talento, mais rico, mais precioso talvez que o de Pacheco, elle mesmo, porque se retrahia, se accumulava, se enthesourava, inactivo, mas prodigioso.

O que seria esse immenso talento se um dia se decidisse a dissipar-se em proveito do paiz?

O sr. Pereira de Miranda decidiu-se emfim. Ah! não foi sem dificuldade que elle se decidiu! Os jornaes referiram mesmo a este respeito episódios commoventes. Depois de ter ouvido da boca do sr. Pereira de Miranda aquelle *sim* que numerosos chefes politicos haviam em vão procurado arrancar-lhe, o sr. José Luciano chamou-o a si, apertou-o nos seus braços e, com uma nevoa de ternura nos olhos, disse lhe — Vá! vá e seja fecundo.

Quando se soube que sua ex.^a subia finalmente as escadas do poder, houve em todo o paiz um momento de suspensão e de sensação. Reclamou-se imperiosamente silencio. De todos os lados partiram *schis* e vozes cominadoras de — ordem! ordem! Todos os narizes se voltaram para o ministerio do Reino, onde o sr. Pereira de Miranda, de pé, sorrindo, seccava as mãos a um lenço branco.

Oh! as superstições da multidão! O que esperava ella? iniciativa? reformas? idéas? princípios? factos? palavras?

Na realidade, a multidão esperava do sr. Pereira de Miranda o quer que fosse de deslumbrante, de fascinante, de arriscado, de ousado. Em rigor, não lhe pedia decretos, não lhe pedia projectos de lei, não lhe pedia portarias: pedia-lhe saltos mortaes. Quando o sr. Pereira de Miranda subiu ao poder o que o publico imaginou é que elle ia fazer a *Flecha Humana*.

O sr. Pereira de Miranda não fez a *Flecha Humma*. A pasta do Reino não é evidentemente um numero do Colyseo. As superstições que o haviam acompanhado ao poder abandonaram-n' de chofre — e elle cahiu.

D'ahi — Pacheco.

Porquê Pacheco?

Pacheco foi o exito pela mediocridade e a mediocridade ainda é a acção. Pacheco agitou-se. Em Coimbra, onde cursou as aulas da Universidade, assegurou uma manhã, segundo o depoimento do seu biographo, que «o seculo XIX era um seculo de progresso e de luz.» Obteve mesmo um premio no fim de um anno. Foi ao parlamento e ahi tão pouco esteve inactivo. Ficou d'elle entre outros, o conceito de que «ao lado da liberdade deve sempre coexistir a auctoridade.» Não foi muito, decerto, mas foi alguma coisa. Por pouco mais se tem feito em Portugal admiraveis carreiras.

O sr. Pereira de Miranda, ao contrario, permaneceu invariavelmente inactivo, silencioso, mudo, indeterminado, mysterioso, enigmatico.

Pacheco afinal fez a sua reputação. O sr. Pereira de Miranda não teve esse trabalho.

A reputação de Pacheco foi uma fraude. A do sr. Pereira de Miranda foi uma mystificação.

O nome de Pacheco evidentemente não lhe convem. O sr. Pereira de Miranda não está litterariamente em condições de preencher essa vaga.

JOÃO RIMANSO.

UM CUMULO

O jornal *Notícias de Lisboa* intima ao sr. José Luciano:

«Recolha á vida privada, sr. José Luciano, recolha á vida privada para socego e felicidade do paiz, que tanto lhe tem soffrido.»

E', verdadeiramente, um cumulo. Pedir a um homem que nunca sahe de casa, que recolha á vida privada, é empurrá-lo para onde, meu Deus?

O sr. José Luciano é o homem publico mais confinado na vida privada que existe, em Portugal.

A' intimação do *Notícias de Lisboa* o sr. José Luciano só pôde responder — mettendo-se debaixo da cama.

UMA NO CRAVO...

Inaugurada a 5.ª exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes.

Vejâmo-la de relance.

Ha, entre tudo, um famoso pastel, que atrâe promptamente a attenção dos visitantes. É um pastel tão agradavel á vista como outros o são ao paladar.

Parece um pastel encommendado ao *Rendez-vous des Gourmets*. Assinado o El-Rei D. Carlos; mas podia, sem favor, ser assignado — Pierre.

Acha-se tão bem numa exposição de bellas-arts como poderia achar se numa vitrine de charcuterie. Está nisto o seu maior elogio.

Não se sabe bem se é um pastel cheio de talento, se um pastel recheado de perdiz.

Tanto pôde servir para a Gloria, como pôde servir para a Paschoa.

E' uma obra de arte que faz crescer agua na bôca. A unica coisa que a critica tem a fazer, num tal caso, é lamber os beiços.

O grande prestigio d'este pastel consiste em toda a gente o achar delicioso, sem ninguem o provar.

Todas as casas de pastelaria devem reciar agora a concorrencia da Casa de Bragança, que, como se vê, em negocio de pasteis é casa nova.



D'uma cabeça de preto fez também a Sr.ª D. Virginio Avellar um pastel, que no dizer de entendidos é coisa excellente. A opinião não é de criticos; é de anthropophagos. Alguns pessimistas acham lhe porém pouca catinga.



Outros saborosos pasteis expõem as Sr.ªs D. Virginio Avellar, D. Beatriz Alto Marim, D. Emilia Braga, D. Emilia Aguiar, etc. Os melhores, porém, são ainda os da Pastelaria Marques.



As Sopas do Sr. David Mello têm sido um desapontamento para os guardas municipaes.

São tres sopas tão velhas como a sopa de rabo de boi ou a de grão com espinafres.



Um velho, do Sr. Almeida e Silva, consulta a folhinha, a ver se ainda faltam muitos dias para que se feche a exposição.



A respeito de tres quadros que expõem o Sr. Henrique Mitchell, e que representam tres lindas paisagens do concelho de Cintra, diz um critico:

«Estas tres pequenas obras fazem pensar no censurável abandono a que os nossos paisagistas votam aquelle pittoresco e incomparavel rincão de terra portugueza...»

Ainda se só fossem os paisagistas! Mas as obras publicas?

ORÇAMENTO PARA 1905-1906

AS DOTAÇÕES



PARODIA

Extracto de uma das ultimas sessões na Camara Alta:

«O Sr. Hintze Ribeiro, lamentando a ausencia do Sr. Ministro do Reino, lastimou tambem a doença de S. Ex.^a, fazendo votos por que essa doença tenha prompta solução... Entretanto, concorda em que S. Ex.^a faz muita falta e pede a alguns dos ministros presentes que chamem a attenção d'aquele seu collega para o facto do administrador do concelho de Estarreja haver agarado, e posto violentamente fóra das sessões, um vereador da camara municipal d'aquele concelho, que estava fazendo uso da palavra.



O Sr. Ministro da Marinha agradece as sentidas expressões do Sr Hintze Ribeiro a propósito da doença do seu collega do Reino.

Effectivamente, esse seu collega acha-se doente. Pôde afirmar o, pois elle, orador, é o seu medico, funções que ainda exerce, apesar de ministro, junto de um ou outro amigo.»



O que d'esta confusão de serviços pode resultar, uma vez ou outra, é o seguinte:

O Sr. Ministro da Marinha tem de

lançar um despacho, e recepta:

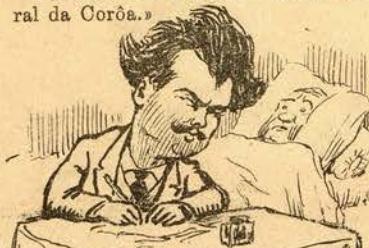
R.P.
Calumelanos, 2 gr.

Alcool q. b.

Misture e mande.

Em seguida, S. Ex.^a é chamado para ver um doente, e em vez de lhe passar uma recepta, lança-lhe este despacho:

«Consulte-se a Procuradoria General da Corôa.»



Na Camara dos Pares, o Sr. Conde de Bertiandos tóma a iniciativa de um projecto de lei estabelecendo o descanso dominical.

Como se trata de descanso, é natural que a Camara active a sua votação.



Ao Theatro de D. Maria subiu agora á cena uma peça intitulada *As tres filhas do Sr. Dupont*, com que a empresa societaria mystifica o respeitável publico por um modo muito flagrante.

O Sr. Dupont é o actor Ferreira da Silva.

Uma das filhas é a actriz Angela Pinto; outra, a actriz Augusta Cordeiro; e a terceira a actriz Beatriz Rente, no impedimento da actriz Laura Cruz.

Ferreira da Silva cortou o cabello e as barbas, e as tres actrizes encoragemaram outros vestidos nos Armazéns do Chiado; mas em tudo o mais, a peça é, sem lhe tirar nem pôr, o *Rei Lear*.

Se o Sr. Dupont fica algumas semanas sem ir ao barbeiro, e as suas tres filhas pedem a Carlos Cohen que as vista, tem se outra vez Shakespeare.

Uma commissão de estudantes do Lycéu pediu ao sr. ministro do Reino que, a exemplo do que estava determinado para as escolas superiores, as férias da Paschoa começasse no dia 16.

O sr. ministro do Reino indeferiu.

Os estudantes ainda conseguirão tornar uteis apenas -- os domingos.

Mello Barreto, nosso collega das *Novidades*, disse na sua conferencia do salão do Conservatorio, acerca da Mozart, «que Deus está mais perto de nós na musica do que em todas as outras artes.»

E' uma piada valente á Sociedade Nacional de Bellas Artes.



Ha crise ministerial.
Quer Miranda a demissão.
Diz o Beirão: «Não faz mal;
entro em recomposição.»



«Veremos! Não entra tal!»
salta de lá Alarcão,
ameaçando o favel
do nosso amigo Beirão.



E a favor de cada qual
se divide a opinião
chamada opinião geral:
Por Alarcão, por Beirão.

De modo que, afinal,
só ha esta solução:
Fica Miranda tal qual.
Nem Beirão, nem Alarcão.

O OUTRO EU.



Eduardo Garrido traduziu, para o Theatro D. Amélia, uma peça francesa que hoje sobe ali à cena, e que se intitula — *Arte de enganar mulheres*.

Aviso aos maridos que queiram desfarrar-se!



Um chronicista financeiro começa nestes termos a sua ultima chronica :

«Causa-nos a mais agradavel impressão a leitura do projecto do orçamento do Estado para 1905 a 1906...»

E', com effeito, uma deleitosa leitura.



O Sr. Pereira de Miranda, insistindo pela sua sahida do Ministerio, deu como pretexto graves affecções de rheumatismo gottoso.

Se o Governo não toma grandes doses de salicilato de soda, não tardará que o mesmo mal ataque todos os seus membros.



Sociedade Nacional de Bellas Artes

SALÃO COMICO



N.º 67—David de Mello: *A sopa da Santa Casa*—Do prato á boca se perde a sopa. (Em tres tempos e dois movimentos).

1.º movimento. 2.º dito. 3.º dito.



Demonstra-se a inutilidade da colher.

N.º 105—D. Julia Ferreira Pinto:

N.º 60—José Malhôa: *Pensando no caso.*

Excesso de produção vinícola



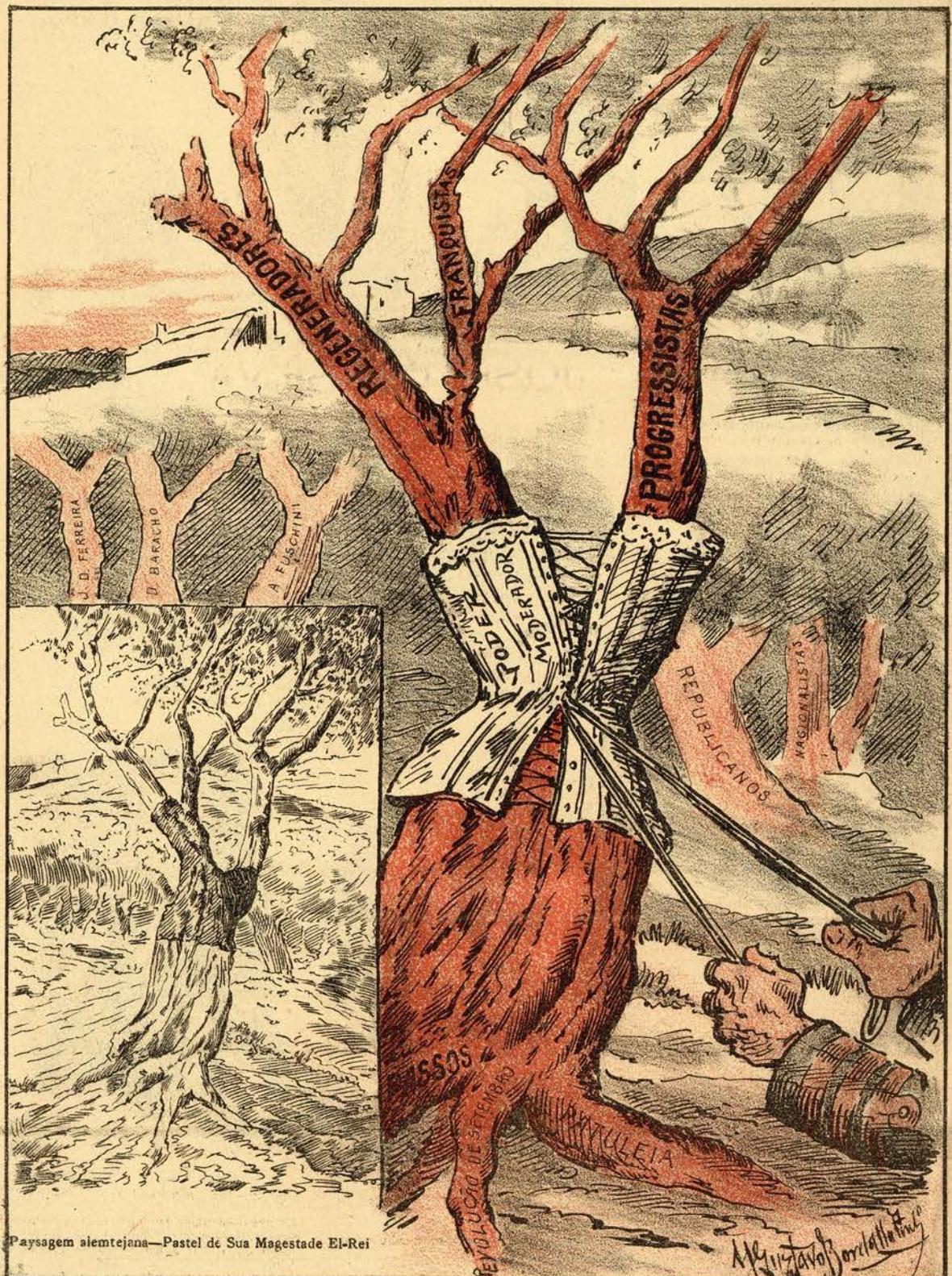
N.º 13—D. Emilia Santos Braga: *Estudo do nü.*

Esgrevatando o cállo.—Impressão agradável à beira de um fogão.

N.º 56—José Malhôa: *Velha fiamdo.*

Velha desdentada chupando uma amendoa torrada. Esta sucção produz-lhe um tal regosijo que desata a dar estalinhos com os dedos.

O Sobreiro politico — Parodia d'A PARODIA



Paysagem alemtejana—Pastel de Sua Magestade El-Rei

• ESPARTILHO

TYPOGRAPHIA
DO
Annuario Commercial de Portugal
PROPRIEDADE
DE
MANOEL JOSÉ DA SILVA

Illuminação e força motriz por electricidade

Impressões em tinta de copiar

Transportes, ouro e prata

Impressos para as repartições de Fazenda,
Camaras Municipaes, Companhias de seguros,
Emprezas de navegação, etc.

Bilhetes de visita,

facturas, bilhetes de loja, recibos,

talões, apolices, quotas,

participações de casamentos, conhecimentos, etc.

ESPECIALIDADE EM ROTULOS DE PHARMACIA

OBRAS ILLUSTRADAS

5—CALÇADA DA GLORIA—5

LISBOA

